

ARTICULANDO GÊNERO E RAÇA NA EDUCAÇÃO TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO: O CASO DAS ESTUDANTES DO IFPE-CAMPUS IPOJUCA

Danielle de Farias Tavares Ferreira ¹

1 INTRODUÇÃO

Ao nascimento de um indivíduo é depositado a ansiedade em saber seu sexo para que assim seja decidido o enxoval: “rosa” para meninas, “azul” para meninos. Desde a infância nos deparamos com o dualismo presente nas relações entre homens e mulheres. Note que além de enfrentar as diferenças entre o sexo masculino, a mulher luta contra uma sociedade que insiste em aliar-se aos costumes tradicionalistas de um tempo em que pouco se sabia sobre a categoria gênero, até alcançar os avanços das pesquisas acadêmicas pós-estruturalistas.

Compreender a importância do entendimento sobre o que vem a ser gênero é se aprofundar em estudos que reconheçam a existência das relações de poder entre homens e mulheres, refletindo sobre as desigualdades sociais a partir deles. Tendo em vista a composição étnico cultural de ampla diversificação, a persistência de pensamentos discriminatórios e segregacionistas não se fazem necessários, uma vez que comprovada ser a desenvoltura do indivíduo não proveniente do biológico tão pouco do tom da sua pele, mas das condições sociais que compuseram o cidadão.

De acordo com os aspectos sociológicos, em se tratar da análise das desigualdades sociais, o principal objetivo desse estudo da interseccionalidade entre gênero e raça foi o de compreender as disparidades dentro de um mesmo grupo social, que no caso selecionado tem as estudantes dos cursos técnicos de Construção Naval e Automação Industrial como foco. São também conhecidos os seus demarcadores de diferenças, em termos de trajetória acadêmica, marcadores etários de raça e de gênero.

Analisando o discurso, podemos perceber a clara desvantagem que alguns grupos sociais viviam em tempos passados e como estes fatores de desvantagens sociais influenciaram e continuam a influenciar a composição societária, o que nos induz a repensar acerca do discurso hegemônico de que somos um só povo, fruto da miscigenação e com direitos, teoricamente, iguais. Porém, também somos a

¹ Pedagoga e Licenciada em Letras. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Pernambuco. E-mail: danielleferreira@ipojuca.ifpe.edu.br

reprodução comunitária da diversidade, mesmo em meio às práticas discriminatórias e segregacionistas cotidianas a envolver determinados grupos de indivíduos como por exemplo: mulheres, negros, pobres, dentre outros.

Cruz (2012) considera que estudar as categorias de gênero numa sociedade contemporânea é analisar as desigualdades de gênero sem abstrair as desigualdades de classe, etnicidade e de raça, que tornam ainda mais dramáticas as vivências dos indivíduos e, mais especificamente, das mulheres. Partindo da compreensão do processo histórico, em que a sociedade contemporânea está marcada pela submissão ao poder patriarcal, os estudos de gênero têm se direcionado não apenas a abarcar debates e discussões sobre a submissão feminina, mas também compreender as amplas vivências de desigualdades nas relações sociais em que muitos indivíduos são submetidos. No entender de (OLIVEIRA, 2015, p. 264):

A valorização do diferente e o respeito às diversas formas de manifestação de identidades é uma perspectiva adotada pelos estudos de gênero[...] Estudos atuais mostram a pluralidade de diferença que se faz presente na escola de diversas maneiras, sejam elas psicológicas, de gênero, de orientação sexual, religiosas e (ou) étnico racial. A partir desse contexto surge o desafio de articular o comum com o plural, a igualdade com a diferença, de promover debates sobre como se produzem os preconceitos[...].

Os estudos de gênero possibilitam que as instituições se questionem sobre seus posicionamentos diante das diversas identidades, diferenças sexuais e de gênero dos sujeitos que nelas se encontram inseridos. Tornam-se visíveis os benefícios de se desenvolver projetos sobre este viés dentro de uma instituição de ensino técnico, proposto em formato de projeto de pesquisa e extensão, ao passo que possibilitam às instituições se reconhecerem enquanto espaço de embate dos problemas sociais, de acolhimento aos vulneráveis e de promoção e respeito à diversidade.

Para que discursos de reconhecimento e respeito às diferenças se disseminem e resultem em mudanças significativas nas relações sociais, faz-se necessário a compreensão da análise de gênero, na qual “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (Hall, 1999, p.13). É sobre esse sujeito contemporâneo de múltiplas identidades que os estudos de gênero se propõem aliar-se à educação na busca por desconstruir o lugar privilegiado dado às formas universais de se conceber o que é

próprio do homem e da mulher, ignorando, assim, as demais construções culturais para além da demarcação binária.

A afirmação de determinadas diferenças, o processo de assimilação de determinados grupos à sociedade hegemônica, a promoção do diálogo entre diferentes grupos socioculturais devem ser práticas recorrentes do cotidiano escolar (LOURO, 1997, p.49).

Partindo desses pressupostos, identificamos a relevância em se enveredar por estudos de gênero e isso promoveu alguns questionamentos sobre nossas práticas enquanto docentes, técnico-administrativos e estudantes de uma instituição de ensino médio técnico. Uma de nossas problemáticas se referiu ao modo como as estudantes dos cursos técnicos de Construção Naval e de Automação Industrial se percebiam em salas de aula composta, em sua maioria, por estudantes do sexo masculino. Outros questionamentos foram surgindo tais como: De que maneira se deu as relações dessas estudantes com seus professores e os demais colegas no decorrer do curso? A procura por estágio, obrigatório para a conclusão do curso, em tais áreas ocorreu de maneira amistosa? Houve dificuldades delas se inserirem em determinados espaços dentro da instituição de ensino e dentro das empresas?

Diante dos questionamentos empreendidos, optamos, inicialmente, por desenvolver uma pesquisa de cunho científico numa perspectiva de pesquisa-ação, a qual é compreendida por alguns autores como Tripp (2005) como um método qualitativo que se situa entre a prática rotineira e a pesquisa acadêmica. A proposta abarcou também o levantamento de dados sóciodemográficos sobre as jovens estudantes e a análise dos discursos das estudantes egressas. As estudantes concludentes, que não realizaram o estágio, foram também escolhidas por ter esse público completado toda uma trajetória acadêmica desde o ingresso até a conclusão da ementa curricular, mas não conseguiram se inserir no estágio e por isso ainda aguardam a obtenção do diploma e carregam em si as dificuldades nessa inclusão no mercado de trabalho.

A instituição contemplada para a realização da pesquisa-ação se localiza no município do Ipojuca-Pernambuco, município este que mesmo com todo o crescimento econômico, por sediar um porto marítimo de negócios e obter uma peculiar melhora no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região nos últimos anos, ainda logra a precariedade dos processos de escolarização vivenciados na cidade. O contraste entre o desenvolvimento econômico do município não se atrela,

diretamente, às condições de vida de grande parte de sua população, e isso, certamente, vem afetando as trajetórias de vidas e acadêmicas do público que a referida instituição de ensino escolhida tem recebido. Em face desta realidade, vivenciada nos últimos anos, o IFPE campus Ipojuca veio recebendo públicos diversos. A pluralidade de diferenças é vivenciada constantemente no campus Ipojuca e de modo a convivemos com diferentes identidades, sejam elas de ordem psicológicas, de gênero, de orientação sexual, religiosas e (ou) étnico racial.

A partir dessas considerações, objetivamos, de maneira abrangente, identificar as relações de gênero empreendidas nas trajetórias acadêmicas das jovens dos cursos técnicos de Construção Naval e Automação Industrial do campus Ipojuca, tendo como objetivos específicos mapear a trajetória acadêmica das jovens durante o curso, bem como analisar o modo de recepção e as relações entre essas estudantes, seus professores e demais colegas nas turmas de maior presença masculina. Identificar se houve dificuldades das jovens se inserirem em determinados espaços dentro da instituição de ensino e/ou dentro das empresas em que estagiaram também se colocou como objetivo a ser alcançado.

Foram também realizados fichamentos dos materiais e desenvolvidas rodas de diálogo para tratar do conceito de gênero dentro da comunidade acadêmica. Para Narvaz (2010, p.176) “O gênero não precisa estar necessariamente vinculado ao sexo. Tal vinculação é também uma convenção da linguagem, uma vez que a linguagem não apenas reflete, descreve ou representa a realidade, mas constitui aquilo mesmo que representa”. Partindo dessa perspectiva, o gênero é um conceito que desvincula o sexo biológico da orientação sexual dos indivíduos e do mesmo modo desvincula os papéis sociais que cada indivíduo escolhe para se posicionar na sociedade, ou seja, questiona a heteronormatividade e os papéis sociais canonizados ao sexo masculino ou ao sexo feminino. Trata-se de uma construção social.

Diversos outros autores têm se apropriado dessa corrente e integrado ela a outros conceitos como o de feminismo. “O feminismo integra um longo processo de mudança que envolveu a emancipação dos indivíduos das formas tradicionais da vida social (...)” (SORJ, 1992, p.18). Os debates sobre o machismo e suas formas de opressão, via discursos que oprimem a busca por equidade social, tem possibilitado promover espaços de empoderamento das mulheres e ampliado os horizontes de discussão.

Muitos discursos também têm disseminado propostas para proibir qualquer discussão de gênero nas instituições de ensino. Esses espaços de discussão são importantes no caminho da construção do respeito a todos no ambiente escolar. Diante disso, desenvolver projetos e ações nessa direção se coloca enquanto indispensáveis na apresentação dos conceitos desse campo e na busca por se abrir o debate até para que a comunidade acadêmica identifique os discursos que tentam distorcer o debate acadêmico sobre gênero.

Com relação à raça e etnia, Munanga (2004) relata em sua pesquisa que no contexto atual brasileiro os conceitos de negro e de branco tem um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Desse modo, quando se coloca em foco políticas de ações afirmativas, por exemplo, os conceitos de negro torna-se complexo pois também entra o conceito de afrodescendente, e os estudos de genética têm demonstrado que muitos brasileiros, aparentemente brancos, trazem marcadores genéticos africanos e podem se declarar afrodescendente. Desse modo, trata-se mais de uma decisão política e por isso na pesquisa consideramos as estudantes que se declaram pardas ou negras, mesmo que elas aparentemente sejam brancas.

2 METODOLOGIA

A partir dos objetivos assinalados desenvolvemos uma pesquisa de abordagem quantitativa e qualitativa, havendo uma triangulação na utilização de mais de um método. Para Flick (2009) a triangulação busca as percepções dos sujeitos em suas práticas para disso decorrer numa triangulação entre métodos e compará-los de forma a maximizar a validade dos esforços de campo. A metodologia escolhida explicita um estudo de caso e sua devida transferibilidade de resultados para fins de dar o teor de confiabilidade e validade ao estudo, como bem salienta Yin (2005).

As quantificações são obtidas a partir da natureza da pesquisa, dos objetivos e do instrumento de coleta e por isso coletamos os dados categoriais, os quais se classificam por sua frequência que ocorre e a partir dos dados extraídos da plataforma de registro acadêmico da referida instituição pesquisada.

A Exemplo tem-se a distribuição de frequência das estudantes mulheres quanto a raça, situação acadêmica, ano de conclusão, dentre outros aspectos que foram levantados no Sistema Q-acadêmico da instituição. Para Gatti (2004, p.13): “[...]O que se procura ao criar uma tradução numérica ou categorial de fatos, eventos,

fenômenos, é que esta tradução tenha algum grau de validade racional, teórica, no confronto com a dinâmica observável dos fenômenos”. Nessa direção, a pesquisa se configurou num formato de pesquisa-ação, a fim de alcançar coletivamente alternativas para a resolução dos problemas identificados e relacionados à temática.

Para realizar a análise e tratamento dos dados optamos pela perspectiva das práticas discursivas e de produção de sentidos, as quais enfatizam o caráter descritivo e explicativo das análises e da participação do investigador na construção das informações. As práticas discursivas, assim entendidas de maneira ampla, situam-se em lugares e no tempo, sendo elas interações discursivas instauradas através de relações que adquirem sentido. Essa tendência adota a análise crítica do discurso evidenciando as relações e as crenças nas falas tal qual é utilizada pelos informantes numa situação qualquer, como descreve Iniguez (2004).

Partindo dessas definições, realizamos o levantamento bibliográfico das pesquisas sobre a temática de gênero, raça, etnia e educação, ocorridas nos últimos 5 anos, em bancos de dados do portal Capes, *Scielo*, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e elaboramos os fichamentos das referências levantadas a partir da elaboração de uma argumentação conceitual, a qual organizou metodologicamente os dados a serem obtidos. Abaixo é possível verificar um modelo de quadro de fichamento adotado.

Quadro 1 – Trecho de um fichamento bibliográfico

FICHAMENTO BIBLIOGRÁFICO		
AUTOR(ES) Alfrancio Ferreira Dias Maria Helena Santana Cruz	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA DIAS, Alfrancio F. Dias; CRUZ, Maria Helena Santana. <i>Educação e Igualdade de gênero</i> . Jundiaí- SP: Paco Editorial, 2015.	PALAVRAS- CHAVE Relações de gênero, Igualdade de gênero, Educação.
RESUMO CRÍTICO Essa coleção traz diversos artigos que discutem as relações de gênero em diferentes áreas da ciências humanas e dando ênfase a área da educação, a qual tem sido significativos os debates a cerca dessa temática dentro dessa instituição. No campo científico, o livro inicia em sua primeira parte trazendo artigos que discutem o campo de disputa de se discutir esse tema, ainda bastante		

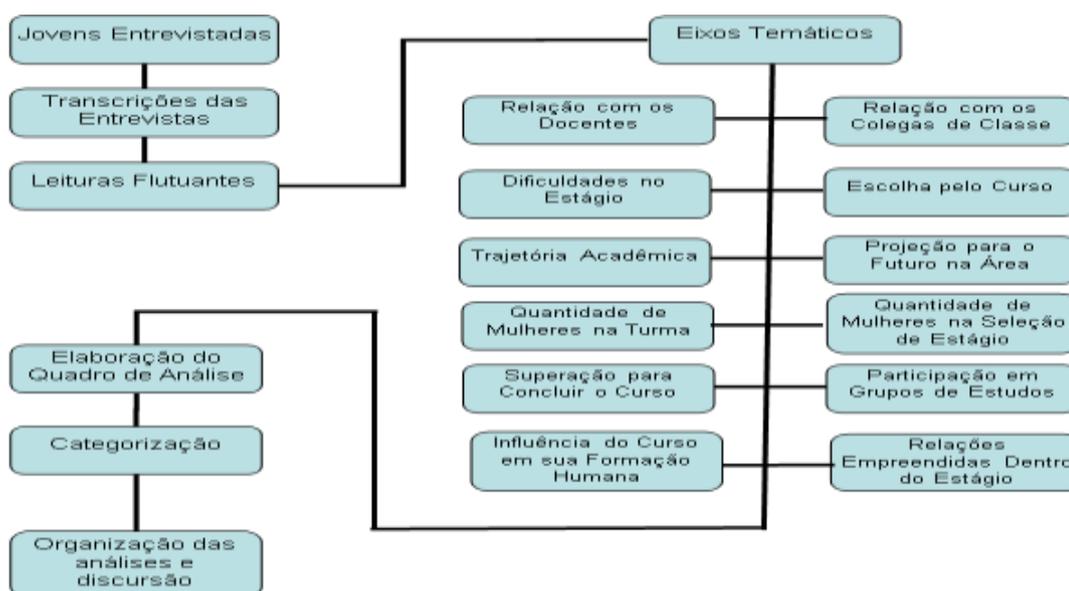
rejeitado dentro das escolas, sendo considerado muitas vezes como irrelevante ou restrito às mulheres ou aos homossexuais.

Desse modo, investigar essa temática denota embates discursivos em meio aos inúmeros debates existentes e fazendo os pesquisadores e pesquisadoras que publicaram seus artigos neste livro assumirem o desafio de pensar e valorizar outras formas de ser e estar no mundo.

Os instrumentos de análise para o registro de informações foram as entrevistas semiestruturadas. A entrevista semiestruturada é aceita como um encontro conversacional em que as questões se tornarão um tópico de análise tanto quanto as respostas dos entrevistados. As entrevistas tiveram seus roteiros elaborados a partir das inquietações sugeridas pelos objetivos propostos. Utilizamos ainda, na tentativa de compreensão das práticas discursivas, os princípios da análise do discurso de tradição inglesa², a qual adota a etnometodologia e a análise conversacional como referentes, e abandona, assim, aquela visão da linguagem como uma série estática de descrições e do analista como mero coletor de dados neutros.

As coletas seguiram o formato de entrevista semiestruturadas com roteiro próprio e na ocasião todas consentiram a gravação de seus áudios. Após a coleta das entrevistas, a análise e categorização dos discursos encontrados seguiram o diagrama de análise que segue abaixo:

Figura 1- Diagrama de análise



² A tradição anglo-saxão da Análise do Discurso. Ver Potter e Wetherell (1987, p. 158-176).

O diagrama apresenta as etapas de análise que fizemos uso e também utilizamos a ideia de campo-tema desenvolvida por Spink (2002 *apud* PINHEIRO, 2004) que abrange todo o processo de imersão no tema de investigação desde as ideias iniciais, conversas, leituras e outros elementos. No nosso caso, a vinculação do projeto ao Núcleo de Gênero e Diversidade do Campus Ipojuca, constituiu-se como fonte inspiradora fundamental na construção dessa pesquisa-ação.

A partir da análise, realizamos o tabulamento dos principais eixos e categorias constantes nos discursos das entrevistadas, conforme é possível verificar no quadro a seguir.

Quadro 2 – Quadro de análise

Eixos Temáticos	Categorização	Algumas Falas (Fem. Jovem egressa, 24)
Relação com os Docentes	<ul style="list-style-type: none"> • Sem distinção por “sexo” nas relações; • Auxílio dos professores; • Inserção no mercado de trabalho. 	<p>“Algo bem normal, não teve nenhuma confusão nem nada, mas a relação com os professores era de igual pra igual com homem ou com mulher.”</p> <p>“Alguns professores auxiliavam.”</p>
Relação com os Colegas de Classe	<ul style="list-style-type: none"> • Sem distinção de Gênero das relações; • Participação em grupos de estudos com a turma. 	<p>“A turma da gente era muito unida, a gente até ia estudar na biblioteca.”</p>
Dificuldades no Estágio	<ul style="list-style-type: none"> • Demora na inserção; • Área de atuação bastante desafiadora; 	<p>“Demorei ainda seis meses depois que terminei o curso, para conseguir o estágio.”</p>
Escolha pelo Curso	<ul style="list-style-type: none"> • Mercado de trabalho em alta na época(2012-2015). 	<p>“Porque era um curso novo... estava em alta na época, na época eles estavam até competindo com engenharia na UFPE.”</p>

Em síntese nossos procedimentos teórico-metodológicos seguiram as seguintes etapas: 1) Pesquisa qualitativa com levantamento de referenciais bibliográficos em bancos de dados (*Scielo*, portal Capes...); 2) Levantamento dos dados sociodemográficos extraídos do sistema de registro acadêmico da instituição; 3) Realização de entrevistas semiestruturadas com as jovens envolvidas; 4)

Transcrição das entrevistas e 5) Análise crítica e categorização dos discursos encontrados.

A partir do marco teórico levantado, as categorias teóricas versaram sobre gênero, juventude(s) raça e etnia. Meyer (2013) considera que ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres no processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo.

A articulação entre gênero e educação amplia a noção de educativo ao enfatizar que educar engloba um complexo de forças e de processos que inclui na contemporaneidade aprender as diferentes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade.

“Em um contexto de relações de poder, discutir gênero não abarca apenas detectar a submissão feminina ao poder patriarcal que marca a nossa sociedade contemporânea. A categoria gênero permite também compreender todas as vivências que são submetidos os indivíduos (sejam homens ou mulheres) e questionar as desigualdades nessas relações. Desse modo, a ausência de discussão sobre essa temática negligencia as desigualdades existentes nas relações sociais entre homens e mulheres, independentemente de suas orientações sexuais. As mulheres têm estado do outro lado do exercício do poder, do lado condição de subalternidade. Não puderam decidir sobre suas vidas, não se construíram como sujeitos, não exerceram ou exercem o poder e não o acumulam, mas reproduzem, não para elas mesmas, mas para aqueles que de fato o tem controlado sempre”. (Costa, 1998, p. 19).

Em decorrência dessa necessidade de expandir discursos contra hegemônicos sobre as relações de gênero na sociedade é que essa pesquisa, nesses últimos dois anos, coletou e analisou as trajetórias acadêmicas das jovens de dois cursos do ensino médio técnicos, as quais vieram relatando as dificuldades de se inserirem e conseguirem permanecer com êxito em cursos técnicos, principalmente cursos das áreas de ciências exatas.

É a partir do olhar e da valorização de suas formas de expressão que essas jovens recriam a escola e potencializam resistências, críticas e reflexões por parte daqueles que as experimentam, exigindo uma revisão profunda dentro da escola na relação tradicional entre a educação, cidadania e a participação política, como já salientava Arroyo (1995 *apud* RIBEIRO, 2002, p.115).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A existência de desigualdades sociais que cerceiam o nosso cotidiano ainda se faz constante. Elas se manifestam na renda, na empregabilidade, no acesso à escola, entre outras áreas. Elas criam estruturas de relações desiguais dentro da sociedade e são responsáveis por afetar diretamente a vida de cada indivíduo. Os parâmetros das desigualdades sociais são, em resumo: classe social, gênero e raça.

Essas desigualdades manifestam-se no dia a dia e as consequências geradas surgem como problemas sociais. Minella (2013) expressa sobre a forma como a interseção entre gênero e raça/etnia se manifesta no cotidiano e como os diversos sistemas de subordinação criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças/etnia, classe. Sendo a partir delas a concretização de problemas como a desigualdade salarial entre gênero, a disparidade no quantitativo por gênero e etnia no campo, principalmente, das mulheres formadas em cursos das áreas das ciências exatas.

A realidade desses argumentos pode ser também confirmada por meio dos dados levantados em nossa pesquisa. O levantamento realizado nos cursos técnicos de Automação Industrial e Construção Naval, por exemplo, constatou que além de historicamente não serem a maioria dentro de determinados cursos, há ainda as dificuldades delas se inserirem no mercado de trabalho durante a busca por estágio e dessa forma concluírem os referidos cursos sem serem jubiladas³, conforme é possível observar nas figuras 2 e 3 que expressam o quantitativo de egressos e concludentes desde a fundação dos referidos cursos.

³ Estudantes Jubilados são aqueles que tenham ultrapassado o período de integralização máxima do seu curso, que no caso nos casos dos referidos cursos são de até 5 (cinco) anos, conforme a Organização Acadêmico do IFPE.

Figura 2: Estudantes do curso técnico em Automação Industrial e Construção Naval

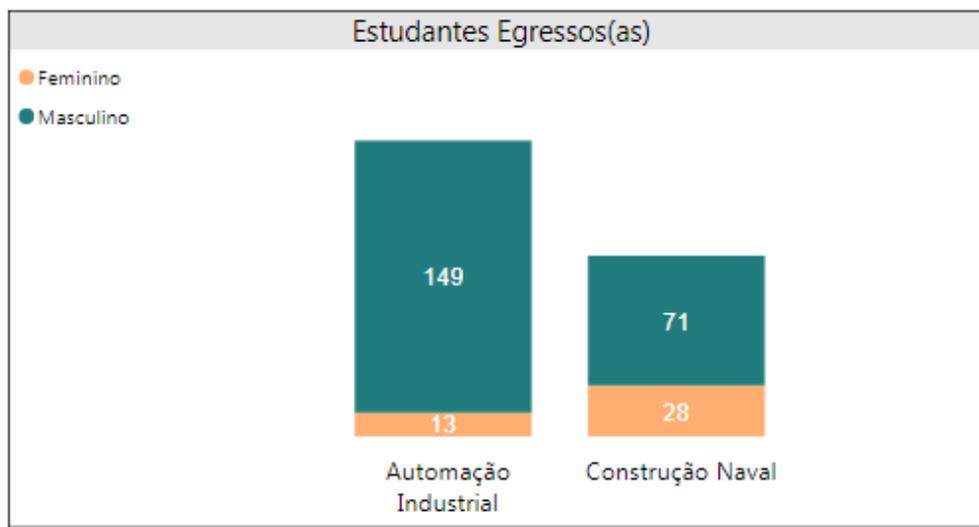
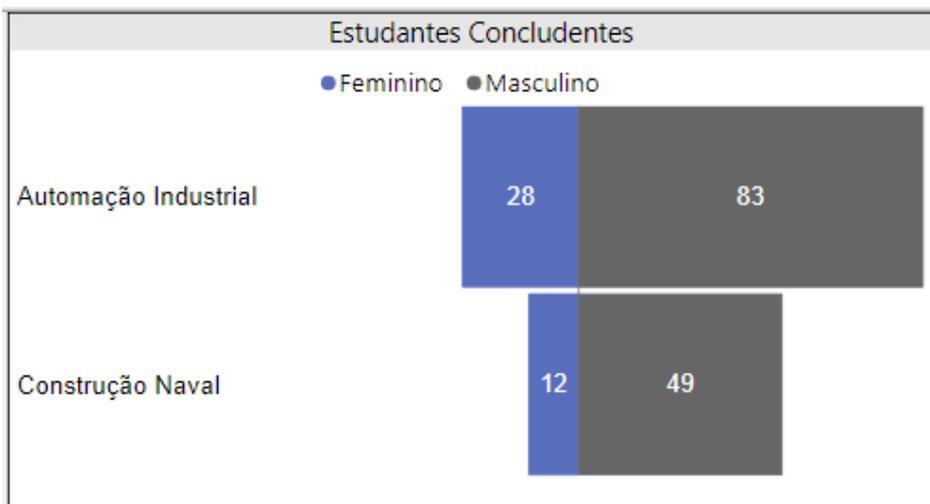


Figura 3: Estudantes concludente do curso de Automação Industrial

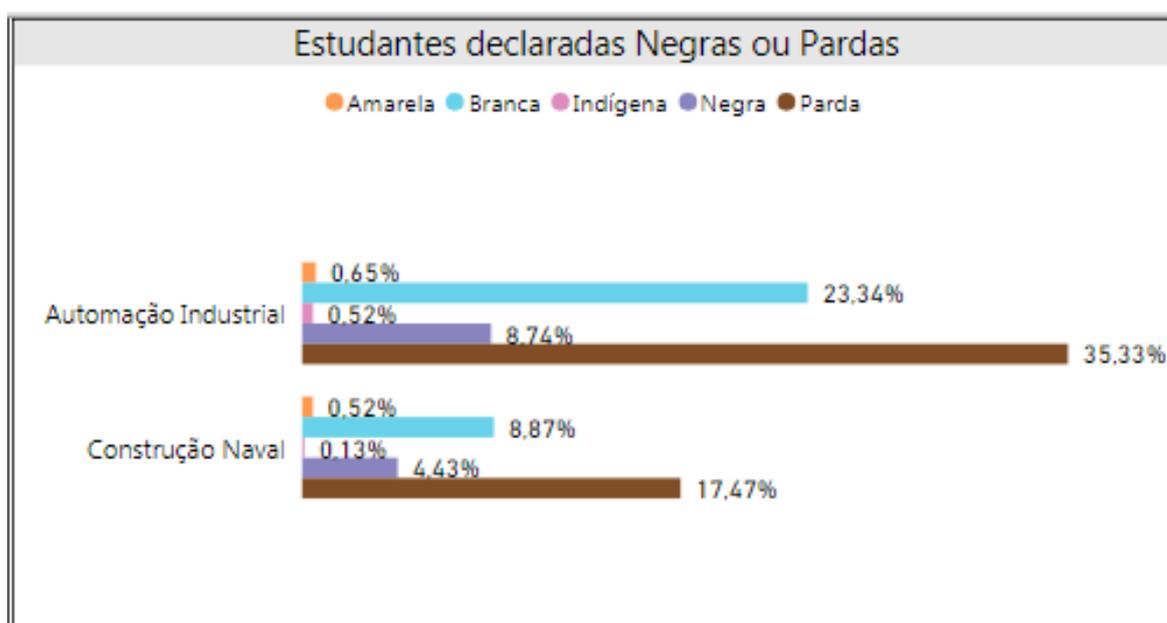


No curso de Automação, desde sua criação em 2008, apenas 13 mulheres concluíram o curso de um total de 162 estudantes formados. A realidade é similar no curso de Construção Naval, pois desde de seu início, em 2011, foram 28 estudantes mulheres que concluíram de um total de 99 estudantes que obtiveram o diploma. Desse modo, se evidencia as dificuldades na trajetória escolar, principalmente no que tange à permanência delas e conclusão com êxito.

Levando em consideração o indicador raça/etnia tivemos, na figura 4, que de um universo de 191 mulheres: 35.33% se consideram pardas, 23.34% se consideram brancas, 8.74% se consideram negras, 0.65% se consideram amarelas e 0.52% se consideram indígenas. Notamos que as maiores porcentagens são de mulheres

brancas e pardas, atestando o fato da baixa presença de mulheres negras acessando as carreiras científicas, isto é, entrando no nível técnico ou superior como também foi afirmado em outras pesquisas como a de Minella (2013). Nessa direção, se é difícil para as mulheres acessarem e fazerem carreira acadêmica nessas áreas, torna-se ainda maior a dificuldade de inserção e permanência se a mulher for negra.

Figura 4: Indicador de raça/etnia das estudantes dos cursos técnicos de Construção Naval e Automação Industrial



As entrevistas realizadas e expostas neste artigo contemplam apenas as estudantes egressas, pois as entrevistas com as estudantes concludentes ainda se encontra em realização durante o ano de 2019. Os dados sócio demográficos coletados nas entrevistas encontram-se descritos no quadro abaixo:

Quadro 3 : Dados Sociodemográficos das estudantes egressas entrevistadas

Jovens Egressas							
	Idade	Curso Concluído	Etnia	Tempo de Atuação	Moradia	Ano de Conclusão	Trabalha na Área
Jovem 1	24	Construção Naval	Parda	2 Anos	Cajueiro Seco	2015	Não
Jovem 2	33	Automação Industrial	Parda	6 Anos e 4 meses	Conj. Marcos Freire	2011	Não
Jovem 3	24	Construção Naval	Branca	2 Anos e 3 meses	Suape	2015	Sim
Jovem 4	23	Construção Naval	Parda	6 meses	Ipojuca Centro	2014	Não

Nas análises dos discursos coletados, as entrevistadas relataram que a relação delas com os docentes foi bastante amistosa e para algumas houve até o auxílio de professores na inserção como estagiária em empresas. Porém, também expressaram as dificuldades de aprendizagem que sofreram para conseguirem a aprovação e a conclusão do curso.

Entrevista da Jovem 2:

“As meninas que escolhem esse curso, quebram o paradigmas sociais, mas pra mim foi um desafio sempre, tanto para professor quanto para colega de turma.”

Bruschini e Lombardi (1999) abordam que a situação das mulheres “em carreiras de prestígio” como na área de medicina, arquitetura, direito e engenharia, vivem desigualdades tanto no acesso como na permanência nesses cursos. Dessa forma, o trecho acima revelou a existência desses “padrões” de dificuldades, já citados por outros autores, em acessar e permanecer em cursos onde a maioria são homens. A necessidade de romper com discursos que reforçam a não capacidade das mulheres em atuarem nessas áreas é preciso, pois não há pesquisa que afirme existir incapacidade cognitiva, por parte das mulheres, de se inserirem ou atuarem em quaisquer que sejam as áreas profissionais.

No que se refere à relação com os colegas de classe, muitas relataram haver um preconceito silencioso através de piadas sobre o porquê delas, enquanto mulheres, escolherem determinados cursos. Porém, a relação amistosa e de muito grupo de estudo com os colegas foi o discurso predominante entre as entrevistadas.

Entrevista da Jovem 1:

“Minha turma no início era uma 35 pessoas e éramos 3 meninas, uma desistiu logo no primeiro módulo, então ficamos eu e Paloma e a minha relação foi até assim curiosa, por que você recebia várias perguntas interessantes, como “a por que você escolheu esse curso? Por que não foi pra química ou segurança do trabalho?”

Elas relataram também que os motivos pela escolha do curso foi por estarem em alta durante os anos de 2012-2015, com a instalação do estaleiro e a Petroquímica Suape no município do Ipojuca-PE. A indicação de amigos e familiares também foi outro critério preponderante na escolha, bem como por serem cursos inovadores.

Entrevista da Jovem 3:

“Por ser curso novo na época aqui no estado e voltado assim... pra tecnologia, então isso me chamou atenção... a princípio.”

As dificuldades em se inserirem no mercado de trabalho nas áreas de seus cursos técnicos também foram encontrados em seus discursos como impedimento e atraso na conclusão do curso. Muitas delas eram relocadas para atuarem em outras áreas para que pudessem obter o diploma ou tinham ajuda de terceiros (professores, amigos e outros pares para conseguirem o estágio).

Entrevista da Jovem 1:

“Demorei ainda seis meses depois que terminei o curso, para conseguir o estágio.”

Entrevista da Jovem 2:

“Então surgiu a proposta do estaleiro, à princípio era pra construção naval, sendo que na época não tinha ainda turma formada e tal, era o início do curso de construção naval era 2011 pra 2012, aí o que foi feito foi que pegaram o pessoal de automação, aí a gente teve um curso de dois ou três meses preparatório pra concorrer a vaga que estava sendo ofertada pelo estaleiro na época.”

Consideramos, a partir dos principais resultados aqui abordados, que o desenvolvimento de pesquisas como esta possibilita a criação de políticas de ações afirmativas e com o foco nas mulheres a fim de que elas possam ter acesso as mesmas oportunidades que os homens, e principalmente dentro do campo das ciências exatas. De forma mais específica, o desenvolvimento dessa pesquisa dentro do Campus Ipojuca tem sido relevante para que sirva de análise sobre o modo como tem ocorrido o convívio dessas mulheres nesse ambiente acadêmico e através disso promover ações com vistas à equidade nessas relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as dificuldades desse público através do desenvolvimento de uma pesquisa científica e, a partir de seus resultados, traçar ações de extensão para diminuir as dificuldades apontadas, é um dos compromissos que o Núcleo de Gênero e Diversidade do Instituto Federal de Pernambuco- campus Ipojuca se propôs realizar através dessa pesquisa-ação.

Deu-se visibilidade às jovens mulheres e as diversas maneiras de expressarem suas identidades, o que em termos de qualidade de vida e acadêmica tem gerado uma noção de pertencimento e reconhecimento da instituição de ensino enquanto instituição parceira dessas mulheres e não enquanto instituição repressora ou omissa a essas questões.

Um dos impactos sociais sentidos foi de que os discursos nessa direção de respeito e valorização à diversidade veio se disseminando e tem possibilitado à comunidade acadêmica vivenciar críticas e reflexões diante de uma realidade local em que a população é genuinamente feminina, negra e pobre.

REFERÊNCIAS

BRUSCHINI, Cristina e LOMBARDI, Maria Rosa. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras de prestígio. *Revista Estudos Feministas* (7:1), Florianópolis, Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão/UFSC, 1999, pp.9-24.

CRUZ, Maria Helena Santana. Refletindo sobre a diversidade de gênero em Educação. São Paulo, **Saberes em Perspec.**, v.2, n.2, Jan/Abr., 2012.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa).

GATTI, Bernadete. Estudos quantitativos em educação. São Paulo, **Educação e Pesquisa.**, v. 30, n.01, p.12-30, Jan./Abr., 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 1. ed. São Paulo: Vozes, 1997.

MINELLA, L.S. Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil. **Cadernos Pagu**, Santa Catarina, n.40, p. 95-140, jan/jun. 2013.

MUNANGA, Kabengeli. A difícil tarefa de definir o que é negro no Brasil. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, 2004, vol.18, nº50, p.51-56.

NARVAZ, Martha Giudice. Gênero: Para além da discussão sexual- revisão de literatura. **Aletheia**, v. 32, p. 174-182, maio/ago. 2010.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de. O espaço escolar numa perspectiva de gênero. In: DIAS, A.F;

POTTER, J.E WETHERELL, M. “How to analyse discourse”. In: *discourse and social psychology: beyond attitudes and behaviour*, London: Sage, pp. 158-76. Versão traduzida por Oswaldo Rodrigues Fr. 1998.

RIBEIRO, Marlene. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, jul/dez 2002, v.28, n.2, p.113-128.

SORJ, Bila. “O feminino como metáfora da natureza”. **Estudos Feministas**, CIEC, Escola de Comunicação – UFRJ, v. 0, n. 0, p.143-150, 1992

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. São Paulo, **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, Set./Dez. 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.